

Insensatez...

Raul Pilla

“**D**OUTRINARIAMENTE, não somos, nem poderíamos ser, infensos ao parlamentarismo do qual se constituiu apóstolo, entre nós, o sr. Raul Pilla. Sistema incontestavelmente mais flexível que o presidencial, com maior sensibilidade para as variações da opinião pública, o parlamentarismo foi adotado na maioria das nações democráticas, onde se tem demonstrado eficiente, logrando a aceitação geral.

«Quanto às deficiências que nele são apontadas, em cada país onde vige devem ser atribuídas mais à execução defeituosa do sistema, ou a certas modalidades do mesmo, que ao próprio sistema. Não seríamos nós que iríamos considerar como imprestáveis, ou ao menos impraticáveis, instituições tão sólidamente arraigadas em países que nos ensinaram as práticas democráticas.

Por outro lado, fique desde logo entendido que não temos o nosso presidencialismo na conta do regime ideal. Trata-se apenas de um regime adequado aos povos jovens e que se justifica, sobretudo, nas federações, onde se faz necessário criar uma força centrípeta considerável, representada num forte Poder Executivo central».

Isto que aí fica reproduzido foi escrito, e magistralmente escrito, pelo sr. Danton Jobim, no «Diário Carioca». Patente está que, no terreno doutrinário, o ilustre jornalista pende mais para o sistema parlamentar, do que para o presidencial. Eu mesmo pouco teria que modificar nas palavras transcritas.

Entretanto, como conclui o jornalista o seu artigo, depois de lançada tal premissa? Dizendo que a Emenda Parlamentarista, sustentada já por mais que a maioria absoluta da Câmara dos Deputados, vem «bulir perigosamente na Constituição da República que não tem oito anos de vida — o que, aliás, só seria possível neste país de insensatos».

Se o nosso presidencialismo não é um regime ideal, se o parlamentar é sistema mais flexível que o presidencial, mais sensível à influência da opinião pública e, adotado na maioria das nações democráticas, nelas se tem revelado eficiente, logrando a aceitação geral, em que consistirá a insensatez da reforma proposta e já amplamente vitoriosa numa das Câmaras? Insensatez poderia haver-la, sim, se se pretendesse fazer a mudança em sentido contrário, abandonando um sistema reconhecidamente melhor, por outro comprovadamente pior. Aí, sim, calharia a objurgatória do articulista.

Não se pense, porém, que tão consumado jornalista pudesse incidir em tamanha contradição, sem por alguma forma procurar justificá-la. Não. A insensatez da reforma estaria em que a nossa imprensa intervém no debate esporadicamente e os partidos, em geral, consideram o problema uma questão aberta. Examinarei estes argumentos outro dia, mas não encerro o presente comentário sem louvar a probidade mental do jornalista, ao reconhecer em tese a superioridade do sistema parlamentar.